



**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:  
INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA**

**BRAZILIAN LANGUAGE OF SIGNALS:  
INCLUSION OF DEAF STUDENTS AND GEOGRAPHICAL EDUCATION**

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira – UFT – Porto Nacional - Tocantins  
jasci\_dias@hotmail.com

Marcileia Oliveira Bispo – UFT - Porto Nacional - Tocantins  
marcileia@uft.edu.br

**RESUMO:** O movimento de inclusão social envolve todas as pessoas com deficiência, esta pesquisa abordará em especial alunos surdos de uma escola Estadual, localizada na cidade de Porto nacional -To, ressaltando a importância da Língua Brasileira de Sinais. Este trabalho se justifica com o propósito de compreender como é feita a inclusão do aluno surdo na educação básica da rede regular de ensino. A escolha desta temática fundamenta-se na importância de entender como acontece a inclusão do aluno surdo. Com a finalidade de entender sobre essa problemática o presente artigo teve como objetivo relatar sobre a inclusão do aluno surdo no ensino regular, identificando as estratégias que permitem a inserção e o desenvolvimento da língua de sinais na escola, conhecendo o ensino de LIBRAS e apresentar se há ou não dificuldade no processo ensino-aprendizagem do aluno surdo em classe regular e na educação geográfica . Para tanto, foi realizado uma pesquisa bibliográfica, realização de entrevista com Intérprete, professores, alunos ouvintes, aluno surdo e dos envolvidos no contexto escolar. Na escola algumas estratégias foram direcionadas no sentido da inclusão do aluno surdo, a presença da intérprete é uma delas.

**Palavras-chave:** LIBRAS, Inclusão, Geografia

**ABSTRACT:** The movement of social inclusion involves all people with disabilities, this research will address in particular deaf students of the State School, located in in Porto Nacional-To, emphasizing the purpose of the Brazilian Sign Language. This work is justified in order to understand the inclusion of deaf students in basic education as regular network is made, the choice of this theme is based on the importance

# LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira  
Marcileia Oliveira Bispo

of understanding how this process occurs inclusion of deaf students. In order to understand about this problem this article aims to report on the inclusion of deaf students in mainstream education, identifying strategies that allow the insertion and the development of sign language in school, knowing the teaching LIBRAS and present it or there is no difficulty in the teaching-learning process of deaf students in regular class and geographical education . To do a literature search was conducted, conducting interview with Interpreter, teachers, hearing students, deaf students and those involved in the school context. In school some strategies were directed towards the inclusion of deaf students, the presence of the interpreter is one.

**Key-word:** LIBRAS, Inclusion, Geograpy

## INTRODUÇÃO

A questão da inclusão escolar de pessoas com deficiência no ensino regular precisa ainda ser alvo de atenção de muitos setores da sociedade brasileira. Mas para se chegar ao ponto que hoje estamos século XXI, no tocante à inclusão de pessoas que possuem algum tipo de “deficiência/diferença”, um longo caminho foi percorrido. O movimento de inclusão social envolve todas as pessoas com deficiência, e assim esta pesquisa aborda em especial alunos surdos de uma escola, localizada na cidade de Porto Nacional – To, ressaltando a importância da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) observando, sobretudo, as aulas de Geografia.

Nos últimos anos do século XXI, houve uma preocupação dos educadores em respeitar a autonomia da língua de sinais e estruturar um plano educacional que não afete a experiência psicossocial e linguística da criança surda. A língua de sinais é naturalmente adquirida de forma espontânea pela criança surda, quando a mesma está em convivência com usuários dessa língua, o que não é o caso de uma língua oral que necessita ser ensinada de forma sistematizada. No entanto, ser natural não significa ser inata, pois ela deve ser apreendida nas diversas situações de interação entre seus usuários, sendo a escola um ambiente importante para o aprendizado dessa língua.

Para entender sobre o papel da escola e como o ensino de Geografia, a educação geográfica, se insere neste processo, foi realizada uma pesquisa em uma Instituição de Ensino, na cidade de Porto Nacional-TO, com o objetivo de relatar sobre a inclusão do aluno surdo no ensino regular, conhecendo o ensino de LIBRAS e apresentar se há ou não dificuldade no processo ensino-aprendizagem do aluno surdo em classe regular. A

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira  
Marcileia Oliveira Bispo

escolha desta temática fundamenta-se na importância de entender sobre como acontece o processo de inclusão do aluno surdo.

O artigo está estruturado da seguinte forma: Abordagem sobre a temática LIBRAS, a legislação referente à inclusão do educando surdo, o aluno surdo e a educação geográfica e apresentação de relato das observações e depoimentos realizados na Escola.

Para tanto, foi realizado uma pesquisa bibliográfica acerca da temática, realização de entrevista com Intérprete que acompanha alunos surdos em escola estadual, professores, alunos ouvintes, aluno surdo e envolvidos no contexto escolar.

### LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

A LIBRAS tem origem na língua Francesa de sinais, não é apenas uma linguagem, uma vez que presta as mesmas funções das línguas orais. A Libras possui todos os níveis linguísticos e, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade visual-gestual, não estabelecida através do canal oral, mas através da visão e da utilização do espaço, pelas mãos, pelo movimento do corpo e pela expressão facial.

Como de costume das outras línguas de sinais, existe a atribuição de um sinal pessoal, significando um ritual, uma forma de batismo, que acontece quando uma pessoa surda ou ouvinte passa a ter contato com pessoas surdas, este sinal não deverá ser mudado nunca.

Segundo Pereira *et al* (2011, p.04):

Cada país tem sua língua de sinais, como tem sua língua na modalidade oral. As línguas de sinais são línguas naturais, ou seja, nasceram “naturalmente” nas comunidades Surdas. Uma vez que não se pode falar em comunidade universal, tampouco está correto falar em língua universal.

As línguas de sinais possuem estrutura gramatical própria, mesmo na modalidade visual, em que utiliza a imagem para expressar-se. Assim, as pessoas surdas ou ouvintes usuárias da LIBRAS podem estabelecer discussões sobre diferentes temas, como esporte, literatura, política, assim como também utiliza-la como função estética para fazer teatro, histórias, humor, recitar poesias entre outras.

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira  
Marcileia Oliveira Bispo

Na primeira fase da História da Educação dos surdos, as crianças surdas das famílias abastadas eram doutrinadas de forma individual por tutores que de modo geral, eram médicos ou religiosos. Entre os períodos dos séculos XVI e XVIII, a educação das crianças surdas era sistematizada pela família, contratavam-se tutores com a finalidade de ensinar os surdos a se comunicar oralmente ou por escrito (PEREIRA *et all* 2011).

Em meados do século XVI que se começa admitir que os surdos pudessem aprender por meio de procedimentos pedagógicos, sem que haja interferências sobrenaturais. Surgem relatos de diversos pedagogos que aceitaram a trabalhar com esses alunos, dessa forma, apresentando vários resultados obtidos em suas práticas pedagógicas. A finalidade da educação era que esses pudessem desenvolver seu pensamento, possuir conhecimento e se comunicar com o mundo ouvinte (KLIMSA e KLIMSA, 2011).

A segunda fase da História da educação de surdos começa no final do século XVIII, quando três homens, desconhecidos entre si, fundaram escolas para surdos em diferentes países da Europa. As crianças surdas passaram a ser ensinadas coletivamente em vez de individualmente, como na fase anterior. Além de tudo, não eram apenas os filhos dos abastados que teriam acesso à educação, mas surdos de todas as classes sociais. Assim, espalharam escolas para surdos em todo o mundo, inclusive no Brasil (PEREIRA *et all*, 2011).

Já a terceira fase aconteceu depois de 1880, quando o método oral tomou conta de toda a Europa, havendo proibição da língua de sinais na educação, mesmo assim, ela continuava a ser usada por adultos surdos e pelos estudantes das escolas residenciais especiais. Com o surgimento da tecnologia eletroacústica surgiram aparelhos de ampliação sonora individuais, que possibilitaram melhor aproveitamento de resíduos auditivos. Dessa forma muitos passaram acreditar na cura da surdez, o que faria chegar ao fim o uso de sinais (PEREIRA *et all*, 2011).

Durante o período de proibição do uso de sinais na educação por mais de cem anos, ocasionou baixo rendimento escolar e a impossibilidade do surdo dar continuidade nos seus estudos no nível médio e superior.

Conforme Pereira (*et all*, 2011), na década de 1960 os resultados negativos obtidos pelo oralismo levaram ao surgimento do bimodalismo, que se refere ao uso simultâneo de duas línguas, de duas modalidades, oral e gestual. Já na década de 1980 os surdos em

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira  
Marcileia Oliveira Bispo

sua minoria passaram a exigir a língua de sinais como válida e com a possibilidade de ser utilizada na educação de crianças surdas como também transmitir sua cultura. Dessa forma, os surdos deixam de ser sujeitos passivos, no qual sua vida era decidida pelos ouvintes, e iniciaram um movimento que exigia respeito aos seus direitos de cidadão.

A partir dos movimentos de reconhecimento da cultura e identidade dos surdos, por meio de protestos e ações culturais, reformulou-se a educação dos surdos. Surge o bilinguismo como nova proposta de trabalho que se refere ao ensino em duas línguas para os surdos, a primeira, a língua de sinais, e a segunda, a língua majoritária da comunidade ouvinte, na forma escrita. Segundo Quadros (1997, p. 27) “O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõe a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar”.

A História da Educação de surdos no Brasil começa com a primeira escola para surdos fundada em 26 de setembro de 1857 no Rio de Janeiro, por D. Pedro II, que solicitou o encaminhamento de um professor surdo ao ministro da República Francesa, que trouxe para o Brasil a língua de sinais francesa. A escola para surdos no Brasil recebeu o nome de Instituto Imperial de Surdos- Mudos (Atualmente Instituto Nacional de Educação de Surdos INES). No Brasil em 26 de setembro comemora-se o “dia do Surdo” (KLIMSA E KLIMSA, 2011).

No decorrer do tempo, assim como aconteceu nas outras escolas de surdos em todo o mundo, as estratégias adotadas na educação de surdos no Brasil foi acompanhando as tendências mundiais. No Estado de São Paulo, a primeira escola para surdos foi o Instituto Santa Terezinha, fundado em 1929. Em 1954, foi fundado, também em São Paulo, o Instituto São Paulo (IESP), por iniciativa de pais de crianças surdas. Outras escolas particulares para surdos foram fundadas posteriormente na cidade, além de escolas municipais. (PEREIRA *et all*, 2011,). Com a política inclusiva do Ministério de Educação – MEC, os surdos passaram a frequentar as escolas regulares.

## OFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LIBRAS) NO BRASIL

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira  
Marcileia Oliveira Bispo

A Lei Federal nº 10.098, aprovada em dezembro de 2000, estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou mobilidade reduzida.

A lei Federal nº 10.436, aprovada em 24 de abril de 2002, reconhece a libras como língua oficial das comunidades surdas do Brasil e traz mudanças significativas para a educação dos surdos. Conhecida como a lei de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), ela é um marco histórico na trajetória de construção da identidade surda e luta pelos direitos humanos dos surdos no Brasil.

No artigo 4º da lei nº 10.436, estabelece que o sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais do Distrito Federal devem garantir a inclusão de LIBRAS nos cursos de formação de educação especial, de fonoaudiologia e de magistério, em seus níveis médio e superior.

O decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, e o artigo 18 da lei nº 10.098, de 19 de Dezembro de 2000, regulamenta a LIBRAS.

Esse documento nos chama a atenção para o uso do termo “surdo” no lugar do termo “deficiente auditivo”. A pessoa surda é definida como aquela que compreende o mundo e interage com ele por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da LIBRAS.

De acordo com a Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002 em seus respectivos artigos:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados.  
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte de poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As Instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência a saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiências auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O Sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de educação Especial, de Fonoaudiologia e de magistério, em seus

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira

Marcileia Oliveira Bispo

níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, como parte integrante dos parâmetros Curriculares Nacionais- PCNS, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art.5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Com as leis citadas acima, houve um avanço na educação da pessoa com deficiência, e principalmente, da educação do aluno surdo ao longo do tempo, mas ainda faz-se necessário implementar modificações no âmbito da escola e da sala de aula para atenderem de forma eficaz o aluno surdo, com uma Educação bilíngue, em libras como primeira língua e em português, na modalidade escrita.

### INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR

Estivemos em uma escola de Porto Nacional – To, escola estadual, localizada no Centro, que no ato de sua regularização, trouxe os cursos: Ensino Fundamental de 1º a 8º série Portaria nº. 3714 de 10/11/2000 e Ensino: Resolução nº 056 de 30/05/03 Projeto Político Pedagógico (PPP).

Em virtude da Reforma do Ensino Médio no ano de 2000, esta Unidade Escolar passou a receber o Ensino Especial com classes Especiais: Deficientes Visuais (DV), Deficientes Auditivos (DA), Deficientes Mentais (DM) e Sala de Recursos, termos deficiente utilizado até então.

A proposta deste artigo é relatar sobre a inclusão do aluno surdo no ensino regular de uma escola. Ao verificarmos a escola em questão, ao qual nos propomos investigar, vimos que a escola possui classes Especiais e um aluno surdo matriculado, atualmente (2018), o aluno cursa o 6º ano. A partir daí passamos a ter uma sistemática de observação nas aulas de Geografia na sala do aluno surdo. Foram dois meses de observações, duas vezes por semana. Os ambientes nos quais se deram as observações foram: a sala de ensino regular, sala de recurso, pátio de recreação, refeitório e quadra.

Durante o processo de coleta de informações da pesquisa, realizamos observações e entrevistas com professores de Geografia e também de outras áreas, bem como alunos ouvintes, intérprete e aluno surdo.

Ao entrevistarmos a intérprete que acompanha o aluno em todas as aulas, ela nos disse que é formada em História e Pedagogia com especialização em Libras e atua como

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira  
Marcileia Oliveira Bispo

intérprete aproximadamente há dois anos. Aponta que a evolução do aluno surdo que acompanha tem sido satisfatória quando se comunica através de sinais, mas, quando se precisa fazer a datilografia ele apresenta um pouco de resistência.

Perguntamos a intérprete o que ela sugere com relação às dificuldades e sugestões para melhoria no ensino de libras, ela apontou que a maior dificuldade é a falta de capacitação para que os professores possam ter um conhecimento e aprendizado em relação a LIBRAS. E sua Sugestão de melhoria do ensino para o aluno surdo é a aquisição de material em LIBRAS como: Dominó, quebra-cabeça, encaixe, alfabeto e numeral em várias formas e cores, programas próprios. Assim como mais estudos e pesquisas na área de LIBRAS.

No relato, a intérprete destaca ainda, o desempenho do aluno como satisfatório, em que o mesmo gosta de aprender os sinais para melhor se relacionar, no entanto, ele não gosta de fazer datilografia, a escrita em Português. A Intérprete reconhece que há muitas dificuldades para ser superadas, inclusive um maior investimento direcionado para o ensino de LIBRAS, tanto em cursos de formação quanto em produção de materiais. Durante a conversa percebe-se que para atender as necessidades do aluno dentro das possibilidades que a escola oferece, a intérprete utiliza de objetos e materiais que tente despertar interesse do mesmo.

Quanto à entrevista direcionada aos professores, foram entrevistados somente três, pois, os demais professores apresentaram resistência e alguns se negaram a participar da entrevista. Ao serem indagados sobre que entendem por inclusão, disseram que é introduzir o aluno nas atividades escolares como os demais alunos, é acolher todas as pessoas, sem exceção no sistema de ensino, independente de cor, classe social, e condições físicas e psicológicas.

Sobre estarem preparados para enfrentar com eficiência os desafios no trabalho de integração do aluno surdo, disseram que profissionalmente ainda falta especialização, que possa servir de suporte pedagógico, mas no dia a dia escolar o acolhemos da melhor forma possível; outro respondeu que não, porque não tem formação em libras para facilitar o diálogo com o aluno surdo e que dependem do auxílio da intérprete em tudo.

Ao serem questionados de como trabalham a inclusão do aluno surdo na sala de aula e quais as estratégias, as repostas é que procuram trabalhar da mesma forma usando

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira  
Marcileia Oliveira Bispo

o mesmo plano de aula, como tem uma interprete em sala facilita o dialogo e introduzem atividade de sinais de LIBRAS no cotidiano escolar. No entanto chamamos atenção para o fato de que,

[...] a responsabilidade pela aprendizagem/construção do conhecimento de todos os alunos e das relações demandadas dessas interações, dentro da sala de aula, é do professor. Cabe ao intérprete de Libras na escola ser o mediador na comunicação entre surdos e ouvintes em situações de interação social. (SILVA; MACEDO JUNIOR; LIMA ca. 2009, p. 19).

E por fim, perguntamos se na visão de cada professor a inclusão do aluno surdo traz benefícios para os demais colegas e para o próprio professor. Todos responderam que com certeza mostra para o professor e para o aluno que a inclusão nos torna pessoas melhores, capazes de olhar o próximo com mais amor e é um desafio que nos proporciona novos conhecimentos.

Nos depoimentos dos professores, percebe-se que tentam entender a proposta de inclusão, no entanto, eles não se sentem preparados, destacando a falta de conhecimento na área, pois os mesmo não possuem formação e especialização em LIBRAS. Em relação às estratégias para trabalhar a inclusão do aluno surdo, os professores repassam os conteúdos normalmente e dependem do auxílio da intérprete a todo o momento para a transmissão destes. Os professores reconhecem que é um desafios.

Artrolli (1999, *apud* LEÃO; DOESCHER, 2005, p. 5), afirma que independente de sua área de conhecimento, práxis pedagógica, escola onde trabalha, o professor é o principal mediador entre o conhecimento construído e sistematizado, seja ele professor de alunos com deficiência ou dos tidos como “normais”, apresentando-se nessa relação como fonte de conteúdo acadêmico específico, além de crenças, valores, conceitos, preconceitos e metas educacionais que anseia alcançar.

As entrevistas direcionadas aos alunos ouvintes foram realizadas aleatoriamente, sendo que a turma é composta por 18 (dezoito) alunos, 17 (dezessete) ouvintes e 01 (um) surdo. Dos ouvintes foram entrevistados 04 (quatro) alunos, com as seguintes perguntas:

Os ouvintes entrevistados apontam que o relacionamento deles com o colega surdo é diverso, uns acham diferente, mas legal, outro diz que ele não da trabalho e outros dizem bater nele. E apontam ainda que já sabem algumas palavras em Libras, possuem vontade de aprender e acham interessante a linguagem por sinais.

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira  
Marcileia Oliveira Bispo

Nos depoimentos dos alunos ouvintes nota-se interesse em aprender LIBRAS, no entanto, apenas uma aluna da turma consegue se comunicar com maior facilidade usando a Língua Brasileira de Sinais, nota-se também que o aluno sofre discriminação. A turma de uma maneira geral tem um bom relacionamento com o aluno surdo, demonstrando afeto e cuidado, apesar de alguns atritos, porém o fato deles não dominarem a LIBRAS faz com que ele se sinta sozinho em certos momentos.

Na entrevista com o aluno surdo, juntamente com a intérprete, começamos falando sobre o ensino de LIBRAS. Ele relatou que já tinha um conhecimento prévio, no entanto, é a primeira vez que contava com o auxílio de uma intérprete, também destacou o bom relacionamento com os colegas, todavia sente falta de saber o que os colegas falam e sorriem, cobrando da intérprete a tradução do que acontece a sua volta. Agora ele diz gostar de aprender sobre a Língua Brasileira de Sinais, e o mesmo já domina o alfabeto, com uma escrita expressiva em Português. Segundo a intérprete a família do aluno surdo demonstra grande satisfação na sua evolução, como exemplo, o fato de escrever as palavras que aprende através da datilologia.

A Escola dispõe de uma sala de recursos com uma professora auxiliar. A sala possui televisão, computadores com programas que auxiliam no ensino de LIBRAS, como também outros recursos didáticos que auxiliam no aprendizado do aluno surdo, tais como: jogos com números em LIBRAS, Regiões do Brasil em LIBRAS, Alfabeto ilustrado), dentre outros materiais que são produzidos para auxiliar o aluno surdo, na sala há também uma campanha para surdos.

Todo esse material é produzido com a finalidade de auxiliar no aprendizado do aluno surdo, desde que este ingressou nesta escola, há mais ou menos um ano e dois meses, já houve um progresso, tanto a escola quanto a família já demonstram uma satisfação com o desempenho do aluno. Um ponto importante a destacar foi o desenvolvimento da escrita, pois, o mesmo domina o alfabeto em LIBRAS. A escola vem andando em direção à inclusão do surdo no ensino regular, não apenas deste matriculado, em que reconhece que falta muito ainda pra conquistar, com relação à estrutura ideal pra receber este aluno. Algumas dificuldades são encontradas, a adaptação do aluno é uma delas, porém, toda mudança gera certa ansiedade, mas que é necessária para o crescimento.

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira  
Marcileia Oliveira Bispo

No entanto cabe aqui mencionar que a sala de recurso surgiu no sistema educacional como uma tentativa de incluir e não apenas integrar. Pois a disseminação nas escolas do modelo da integração, em que havia classes especiais para alunos com deficiência mas estes não interagiam com os alunos ouvintes só se propagava a perspectiva de integração e não de inclusão. Neste sentido, havia a exigência que a pessoa com deficiência se adaptasse ao sistema escolar devendo acompanhar como qualquer aluno a escolarização a ele oferecida ou ainda a criança frequentava a escola regular, mas deveria ficar em classes especiais. Essa concepção de sistema educativo continuava mantendo um quadro de exclusão. A sala de recurso como espaço para o aluno surdo utilizar no contraturno do período ao qual está na classe regular é assim uma possibilidade de inclusão, desde que o professor cumpra seu papel como agente ativo no processo de inclusão dos educandos.

### O ALUNO SURDO E A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

O processo de inclusão de alunos surdos tem um vasto caminho ainda a seguir, sendo o professor um dos protagonistas nesse processo de inclusão. Nesse sentido, para a inclusão do aluno surdo faz-se necessário que os envolvidos no processo educacional livrem-se de modelos que são pré-determinados e pré-concebidos que atendem somente alunos que não apresentam deficiências. Sempre lembrando que deficiência não significa falta de perspectiva para a aprendizagem.

Desta forma o professor de Geografia ao realizar uma educação geográfica precisa valorizar o cotidiano, o dia-a-dia do aluno surdo, para que esse perceba a geografia como parte da sua vivência. Uma vez que a geografia afirma Pontuschka (2009, p. 38):

oferece sua contribuição para que os alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia.

Desta feita, a Geografia permite fazer uma abordagem integradora entre meio natural e meio social, bem como estudando suas problemáticas. Assim, várias estratégias

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira  
Marcileia Oliveira Bispo

podem ser desenvolvidas para o ensino da Geografia com enfoque para o aluno surdo. Dentre essas estratégias citamos: trabalhos com mapas e com imagens, amostras de rochas, minerais, atividades com o globo terrestre, o uso de filmes, charges e propagandas, assim como a utilização de recursos como: DVD, TV e Datashow que podem facilitar o entendimento dos conteúdos geográficos. O uso, entretanto, dessas possibilidades dependem do professor e do interprete serem potencializadores dessa aprendizagem.

Os recursos não funcionam por si só, o professor e o interprete podem simplesmente possibilitar ao aluno surdo a análise das relações existentes no espaço geográfico, bem como possibilita realizar observações e análise de diversos ambientes, pois conforme Moreira (2007, p.56): “Uma vez que os temas da geografia acompanham e fazem parte do cotidiano das pessoas, inscrevendo-se nas suas condições de existência, tal fato parece justificar sua popularidade”.

Na escola pesquisada, as aulas de geografia são ministradas utilizando os mesmos conteúdos e os mesmos planos de aulas, tanto para os alunos ouvintes quanto para o aluno surdo. As atividades como: trabalhos em grupo, atividade em sala também são as mesmas. No entanto, existem as atividades diferenciadas que são elaboradas pelo interprete todas em Libras, uma vez que o aluno surdo domina essa linguagem. Observamos que essa forma de trabalho impossibilita que a inclusão se efetive de fato. Aí ocorre mais uma integração do que uma inclusão.

A professora de geografia encontra dificuldades para ministrar as aulas no aspecto de não ter o domínio da língua brasileira de sinais e assim tendo pouco domínio para o diálogo com o aluno surdo e pouquíssimos materiais didáticos disponíveis, a escola possui apenas as regiões brasileiras em Libras.

Desta forma o professor de Geografia tem que trabalhar em conjunto com o interprete, para a compreensão dos alunos surdos no sentido de ampliar o processo de alfabetização geográfica de alunos surdos.

O ensino de geografia para alunos surdos, deve valorizar a construção do conhecimento a partir de interações entre professor – conteúdo – aluno, valorizando o conhecimento prévio que o aluno traz consigo, sobretudo aquele relacionado a seu espaço de vivência, capacitando-o para ir além do senso comum, promovendo efetivamente a construção e aquisição do conhecimento. Assim, não há como continuar com práticas que privilegiam somente a memorização e as repetições (FERNANDES, 2016, p. 108)

Desta feita compreende-se que a educação geográfica para alunos surdos deve-se ser feita na compreensão da realidade do aluno e na compreensão de que o mesmo esta inserido nesta realidade.

### **Considerações Finais**

Nesse artigo, faz-se uma reflexão sobre a inclusão do aluno surdo no ensino regular. Varias são as dificuldades a serem superadas, existe um longo caminho a ser percorrido. Os principais atores do processo educacional não se sentem preparados para esse desafio, fato comprovado nas respostas das entrevistas, o problema não é achar culpados, mas caminhos que levem a uma inclusão do sujeito surdo na sociedade e no ambiente escolar, todavia convém admitir que já acontecessem avanços nessa aérea.

O fato de grande parte das crianças nascerem em família ouvintes e que não conhecem a LIBRAS os impede de usá-la no cotidiano de seus filhos. No convívio, as famílias privilegiam a linguagem oral, inacessível aos filhos surdos, o que resulta na exclusão deles das conversas, e finalmente, no seu isolamento da família. A escola tem um papel fundamental na vida do cidadão, sendo responsável pelo seu desenvolvimento, para tanto, precisa estar preparada para atender a todos. A convivência em uma mesma sala do professor, do intérprete, dos alunos surdos e dos alunos ouvintes, estabeleceu um a situação nova em que os professores não estavam preparados. Com certeza motivo de conflitos.

Apesar dos avanços que se tem na inclusão do aluno surdo, existe ainda uma grande necessidade que é ampliar pesquisas sobre o papel do professor no processo de escolarização desse aluno no ensino regular. Diante do resultado da pesquisa, observa-se a falta de especialização em LIBRAS, onde os mesmo dependem de uma intérprete na sala de aula em todos os momentos, assim como, professores capacitados sobre a singularidade linguística de pessoas surdas, provas em libras, cursos de libras para toda a comunidade escolar, correção de provas e atividades, considerando que o português é segunda língua, quando expressas em português.

Dentre os avanços já alcançados, destaca-se o reconhecimento da LIBRAS, pois foi capaz de superar obstáculos e oferecer o direito a tradutores e interpretes da Língua

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira  
Marcileia Oliveira Bispo

Brasileira de Sinais uma educação bilíngue para a crianças surdas, que contemple a LIBRAS e o português na modalidade escrita, entre muitas conquistas. No entanto, podemos perceber que a libras não circula na escola, assim como o português. Observa-se nas entrevistas que existem dificuldades no diálogo entre o aluno surdo e os demais ouvintes, isso é um fato agravante, pois no cotidiano da sala de aula aprende-se e desenvolve habilidades. O ideal é que os professores, não só os de geografia, tivessem conhecimento da LIBRAS, para desenvolvimento das aulas e assim junto com o intérprete buscassem d fato a inclusão do aluno surdo.

Na escola pesquisada precisa-se ainda melhorar a inclusão destes, e essa análise não é se realmente esses alunos devem estudar na mesma sala, a questão é como transformar esse processo em uma inclusão verdadeira, uma vez que o simples contato ou exposição não resulta em atitudes mais positivas ou maior aceitação social de crianças com dificuldades, é fundamental incorporar um programa de estratégias de interação social.

Com base no exposto, constata-se que a educação de surdos atravessou um longo processo até alcançar sua configuração atual, e mesmo com toda a legislação existente, há muito mais a ser feito para a garantia de um ensino realmente inclusivo.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e da outras proveniências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=25/04/2002&jornal=1&pagina=23>>. Acesso em: 5 janeiro 2016.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 20 de dezembro de 2005.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: janeiro de 2016.

FERNANDES, J. V. **Inclusão:** ensino de Geografia para alunos surdos, com um olhar sobre a paisagem a partir de uma visão freireana. Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 20 (2016), n.3, p. 107-114.

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira  
Marcileia Oliveira Bispo

KLIMSA, Severina Batista de Farias; KLIMSA, Bernardo Luís Torres. **Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS**. Recife: Unidade Acadêmica de Educação à distância e Tecnologia, 2011.

LEÃO, Andreza Marques de Castro; DOESCHER, Andréa Marques Leão. **A (desin)formação dos professores para o processo inclusivo**. In: VII CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE REFORMAÇÃO DE EDUCADORES, **Anais...** Águas de Lindóia, setembro 2005.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. *et al.* **Libras: conhecimento além dos sinais**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PONTSCHKA, Nídia Nacib (org.). **A Geografia como ciência da sociedade e da natureza**. In; **Para ensinar e aprender geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

RANGEL, Gisele M.M, **Práticas Pedagógicas no Ensino de Geografia**. In: FORUM, Instituto Nacional de Educação de Surdos. Vol. 1. Rio de Janeiro, 2001. 44 p.

SILVA, Anderson Tavares Correia da; MACEDO JUNIOR, Márcio Ribeiro; LIMA Francisco José de. **O intérprete de Língua Brasileira de Sinais no ensino fundamental e seu papel na escola comum**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, [ca. 2009], 24 p. Xerografado

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. **Hibridismo e Linguagem: o inevitável diálogo entre Libras e a Língua Portuguesa no discurso do sujeito surdo**. In: FORUM, Instituto Nacional de Educação de Surdos. Vol. 1. Rio de Janeiro, 2001. 44 p.

---

**Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira** – Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins.

**Marcileia Oliveira Bispo** - Possui graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade do Tocantins (1996), mestrado (2006) e doutorado (2012) em Geografia pelo Instituto de Estudos Sócio Ambientais IESA/UFG. Atualmente é professora Adjunta na Universidade Federal do Tocantins no curso de Geografia e no Programa de Pós-graduação em Geografia (mestrado) campus de Porto Nacional. Atualmente (2016) esta como coordenadora da Pós-graduação em Geografia -Campus Porto Nacional. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Educação Ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas:

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E EDUCAÇÃO  
GEOGRÁFICA**

Jasciana Maria Dias Queiroz Oliveira

Marcileia Oliveira Bispo

ensino de Geografia, educação ambiental, professores, meio ambiente e representações,  
território.

---

Recebido para publicação em 08 de abril de 2018.

Aceito para publicação em 04 de abril de 2018.

Publicado em 13 de abril de 2017.